



### Fluxo de Pesquisa:

#### A tríade material *figurino televisivo, vestuário-estilo e moda* como objeto de estudo em Luanda

**Michelle Medrado**

UCLA

mimedrado@ucla.edu

**Resumo:** O depoimento etnográfico traz a luz reflexões e anotações da pesquisa de campo durante o mês de agosto de 2018, em Luanda. Conto como é ter um objeto de estudo que faz parte da indústria da moda e do entretenimento brasileiro. Ao tentar compreender a trajetória do figurino de telenovela como um objeto que nasce na narrativa ficcional e tem circulado e criado trocas comerciais e culturais, fui inserida no processo de situações e questionamentos sobre o fluxo temático da pesquisa, mas também explorar os caminhos que um objeto pode percorrer e me levar.

#### Abstract:

The ethnographic testimony brings to light reflections and fieldwork journal, conducted in August 2018, in Luanda. I describe how is to have an object of study part of the Brazilian fashion and entertainment industry. In trying to understand the trajectory of the *telenovela* costume as a *thing* born in the fictional narrative has circulated and created commercial and cultural exchanges, I was inserted in the process of situations and questions about my research thematic flow, but also explore the ways and paths that an research topic may lead and take the researcher.

#### *Caseando a mão ...*

Toda pesquisa de campo tem expectativas, surpresas e muitos anseios. O presente projeto de pesquisa de doutorado empreende ficção e realidade, cores, formas e tecidos entre dois países do sul global. O depoimento abaixo é um relato da segunda parte do campo de pesquisa exploratória em Luanda. A pesquisa que empreende Brasil e Angola foi realizada durante o verão escolar americano de 2018, nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, e em Luanda. Na primeira parte do campo foram entrevistados

figurinistas das telenovelas produzidas pela Rede Globo (até mesmo visitei o estúdio em Jacarepaguá); executivos, designer e estilistas que estiveram em Luanda. E a experiência da segunda parte, é o que vem descrito abaixo. Estar em Luanda estudando as manifestações de bens da cultura material em circulação no capitalismo, me fez escrever diversas vezes no diário de campo, que me sentia como Gilda de Melo e Sousa e a recepção do seu trabalho *O espírito das roupas - a moda no século XIX*, diante as críticas que recebeu de Florestan Fernandes, o qual “à boca pequena [...] foi considerado como fútil. Coisa de mulher. Na hierarquia acadêmica e científica da época, uma espécie de desvio em relação às normas predominantes” (PONTES, 2006: p. 94) Entretanto, o trabalho de Gilda de Melo e Sousa como um documento social auxilia hoje, a pensarmos em um debate que se faz necessário, o qual a constituição dos objetos têxteis no seio das sociedades, seja pela sua presença e/ou ausência revela dinâmicas interseccionais do campo da moda.

... Bem-vindo à Luanda, Madrinha!

Cheguei em Luanda, tendo partido de São Paulo, numa manhã úmida e quente em agosto de 2018. Na alfândega do aeroporto internacional Quatro de fevereiro, confirmei para o agente que verificava meu visto, uma das perguntas que mais respondi quando comentava que iria à Luanda fazer pesquisa de campo “sozinha?”. Sim, estou sozinha! No meu pensamento, a resposta afirmativa se misturava com outra frase que tinha ouvido “mulher sozinha em Luanda é perigoso ...”. Assim, entrei na capital de Angola, com a autonomia de gênero questionada e com dois números de telefone para iniciar a rede de entrevistas.

Angola entrou na minha pesquisa de doutorado por acaso, estava interessada em estudar os fluxos internacionais da telenovela da Rede Globo, pesquisando o desdobramento e incursões de seu figurino fora da narrativa ficcional. Denotei que refletir sobre os objetos do *Brazilian Pop Culture* (como nomeou um dos entrevistados) em território transnacional, é investigar as trocas comerciais e culturais entre os países lusófonos.

Embora poucos dados estejam disponíveis para traçar o fluxo de mídia televisiva brasileira em países na África que falam português, o fluxo informal de mercadorias e profissionais da moda se materializa entre Brasil e Angola. Desde 2006 vê-se nas ruas do mercado de vestuário do Brás, em São Paulo, mulheres angolanas circulando com sacolas estufadas e cheias de artigos femininos. Mulheres que chegam com uma lista de encomendas variadas – “cabelo brasileiro” em forma de peruca ou rabo-de-cavalo é um dos produtos mais procurados. No entra e sai das lojas, entre esbarros e negócios nas barraquinhas do comércio popular, compram para vender em Luanda, peças do vestuário que referencie a *roupa de telenovela*. Conhecidas como *muambeiras* “[conhecem] bem o mercado acima citado, e [afirmam] sem hesitação que a mercadoria brasileira é mais aceita em termos de qualidade e design [...]”, foi o que escreveu Paulo Gomes em *As Muambeiras nos Subterrâneos das Cadeias Globais de mercadorias: O caso das sacoleiras africanas no circuito comercial entre São Paulo (Brás) e Angola*, em dezembro de 2013. (GOMES, 2013: p. 197) Ainda sim, a partir de 2014, a empresa de consultoria e produção de moda responsável pela direção executiva do principal evento de moda em Luanda é brasileira e com endereço em São Paulo. Estilistas, designers, maquiadores, cabeleireiros, modelos, atrizes, atores, e apresentadores da televisão brasileira tem se apresentado e circulado em eventos de moda angolana. Sem contar que, um dos principais parceiros do *Comité Miss Angola* e da construção de

shoppings center em Luanda é a empresa brasileira Odebrecht. Então, o objetivo da pesquisa de campo em Luanda foi compreender a trajetória desse fenômeno, compreendendo o figurino televisivo como um processo de commodity cultural, que nasce e tece a narrativa em cores, formas e tecidos, cuja lógica estética auxilia objetos ficcionais a materializar-se como objeto de uma cultura em trocas comerciais e culturais entre São Paulo e Luanda.

Bom, com dois números de telefone, um *post* no *Facebook* e mensagens de apresentação da pesquisa enviadas pelo *chat* do *Instagram*, iniciei os contatos. É válido notar que, quando comecei a planejar a minha ida ao campo enviei e-mails para todas as faculdades e centros de pesquisa que tinham cursos relacionados as áreas das ciências sociais e humanas, Cinema e TV em Luanda. Uma única professora respondeu ... “Será muito bem-vinda. Eu pessoalmente estarei ausente durante o mês de Agosto, mas encontrará os meus colegas, mesmo de outras áreas que não o CEIC.” Respondi pedindo ajuda para fazer essa conexão. Mas não obtive uma nova resposta dela.

Entretanto, outros retornos aconteceram, mas certamente ter sido convidada por uma modelo para uma festa de casamento, e ter que ir em busca de um vestido, foi o divisor de águas. Afinal, não carregava comigo um vestido para tal ocasião, e nunca imaginei que iria à festa do segundo casamento de uma fashion designer e apresentadora de TV, sem nunca tê-la visto antes! Essa experiência permitiu-me vivenciar a maneira que as trocas da moda local são feitas. A Marisa, muito querida me iniciou. Fomos à uma boutique, experimentamos tudo o que queríamos: vestidos, conjuntos, bolsas e sapatos, com o compromisso de postarmos fotos no *Instagram* mencionado o nome da boutique. O que foi feito assim que chegamos na festa pela Marisa! Também foi a primeira vez que tirei foto na entrada de uma festa, e a jornalista tomou notas sobre a minha pessoa como fosse uma celebridade. Fiquei tímida, fiz pose e segui. Durante a festividade encontrei muitas pessoas que já tinha contatado, e dancei na pista semba, kuduro e música brasileira.

Na segunda-feira, após o fim de semana da festa, começaram os primeiros contatos e encontros. Foi quando percebi que o meu objeto de estudos e sua transdisciplinaridade causava estranheza no interlocutor. Curiosamente, senti essa tensão em diversas circunstâncias. Em uma das situações, fui introduzida da seguinte maneira por um famoso escritor “ela é minha amiga, uma pessoa muito bem recomendada, embora ela diga que estuda moda, ela faz melhor que isso.” Essa dimensão da moda como um objeto menor ocorreu em tantos outros momentos, até mesmo virou piada entre colegas pesquisadores que fiz. Claro, que eu poderia apresentar a problemática da pesquisa, mas os demais pesquisadores não contam a sua problemática, mas a palavra-chave do seu trabalho! E a minha consiste em examinar os mecanismos e a estrutura da materialidade que demarca as diferenças, por meio da etnografia multisitua, conforme a definição de George Marcus. (MARCUS:1995: p. 95) Uma vez que, a tentativa é observar como duas localidades geograficamente separadas, podem estruturar e realizar, por meio da construção material e estética do figurino, trocas comerciais e culturais, a qual parece desdobrar-se em commodity cultural permeada pela representação de feminilidade brasileira na esfera pública. Ao passo que, traz à luz as dinâmicas contemporâneas do pós- colonialismo e produção de *soft-power*, tudo costurado pela indústria do entretenimento e da moda brasileira em Angola.

Na medida que sentia a legitimidade científica do meu objeto de estudo sendo questionada, dava-me conta que negociava a minha própria identidade, tendo a oportunidade de ouvir julgamentos e prenoções acerca da sociedade angolana de pessoas posicionadas em diferentes camadas do poder. Se por um lado, era questionada na baixa de Luanda. Por outro lado, quando circulava em festas, adentrava canais de televisão, hotéis, casas e condomínios fechados de luxo no bairro de Talatona e seus arredores, não entendiam como uma pesquisa acadêmica se interessava por artistas, estilistas e produtores de moda.

Isso tudo ocorria ao mesmo mesmo tempo, que eu traçava uma rede de contatos, cuja envergadura é composta por uma elite artística e comercial, e por onde circula modelos, donos de agências, apresentadores de televisão, estilistas, designers, maquiadores, cabeleireiros e até mesmo *muambeiras*. Além de encontrá-los na festa, tive a oportunidade de entrevistar alguns desses profissionais. Um dos entrevistados comentou que nem sempre as universidades estão interessadas em filmes que não tenha a ver com a História. Não argumentei. Uma estilista de prestígio, que entrevistei no Hotel Convention Talatona, quis saber qual era minha lista de entrevistados, e quando ouviu o nome de alguns colegas jovens de profissão, ponderou que nem todos talvez saberiam responder a aquelas perguntas (sugerindo sofisticação no saber), e amigavelmente sugeriu novos nomes e me passou telefones. Ainda tiramos uma foto, capturada pelo celular dela.

No décimo primeiro dia da pesquisa, também tive a oportunidade de conhecer uma querida senhora, que faz pesquisa de material e estilo angolano nas províncias, e que começou sua investigação quando a guerra civil completava 20 anos. Durante uma conversa de aproximadamente 50 minutos, sentadas no pátio do HCTA, ela fez um pedido, “quero que você apresente as minhas peça onde você está [me lembrando que eu moro em Los Angeles]”. Pedido que não esperava. Passada a surpresa, expliquei à ela que não saberia como construir esse caminho, uma vez que sou estudante, imigrante e desconheço a rede que ela me pedia para acionar. Não satisfeita com a minha resposta, insistiu. Eu cedi. Tentando mostrar simpatia, falei que talvez fosse possível fazer algo com uma universidade ou no contexto de uma conferência acadêmica. Ela ficou um pouco mais satisfeita, e contou que recebeu um título do governo que reconhece o seu saber e o seu ofício. E que agora é professora em uma faculdade de moda recém aberta. Quando já nos despedíamos na porta do hotel, contou-me que durante muitos anos foi à São Paulo comprar aviamentos e material para costura. Perguntei se ela sabia os nomes dos bairros, ruas e lojas. Ela replicou que não sabia ao certo, mas que quando ia, embarcava em um voo no sábado e voltava na terça-feira, e que já tinha as lojas certas, enfatizou: “só era chegar e comprar!” Ali dei-me conta que as trocas comerciais não eram só por roupas prontas e cabelos, mas também por mercadorias de produção de moda. Seria ela uma *muambeira*-designer?

Um outro pedido de trocas comerciais, foi feito por uma senhora charmosa, que pôs turbante para me receber. Entrevistei Orlanda na Vila de Viana, naquele momento ela tinha cinco boutiques e aprendeu o ofício com uma amiga, hoje já falecida. Faz a rota Luanda- São Paulo a quase 10 anos, e contou que vai aos centros de moda popular da capital e do interior do estado de São Paulo para comprar roupas, sapatos e acessórios femininos, mas prefere ir à Turquia para as peças masculinas ou à China para móveis e decoração. Como é uma *muambeira* especializada em roupas femininas, aprendeu a comprar as roupas em São Paulo porque teve aulas com uma professora de moda brasileira no hotel Palace, no Brás. Eis que, de repente no meio da entrevista chega uma amiga que nos interrompe, perguntando como seria enviar roupas de Los Angeles à Luanda. Naquele momento senti tensão, fiquei com receio de dar qualquer passo em falso. Respondi que poderia conversar em outra hora, com mais calma, e emendei a pergunta de como é o processo de trazer mercadorias de São Paulo à Luanda. Ela contou que nos tempos que as divisas estavam melhores, ela preferia pagar voos para suas funcionárias, uma vez que era muito mais barato do que pagar uma transportadora.

O exercício etnográfico de denotar as nuances no seio das trocas comerciais e culturais entre os dois países, fez-me ver, vivenciar, tocar, estranhar, ter medo e se apaixonar por Luanda. Mas também indagar como objetos têxteis podem ser personificadores e referenciar uma estética brasileira. Como por exemplo, poucos dias após a minha chegada na capital o cabelo brasileiro foi proibido nas escolas, ação regulatória que também ocorreu em 2015, na Vila de Viana. Quando a escola do 1º Ciclo do Ensino

Secundário N5111 proibiu o uso de cabelo brasileiro. E até mesmo, localizei a reportagem “Escolas de Viana Proíbem uso de Postiço e Cabelo Brasileiro” na TPA (Televisão Pública de Angola) no *Facebook*. Presenciei colegas na mesa do bar se posicionando contra ou a favor a tal medida. E li em jornais locais como no *angola24horas.com* uma matéria intitulada “A proibição do uso de cabelo brasileiro é uma forma de combater o abandono escolar por meninas?” Mas só me dei conta da capilaridade cultural desse fenômeno quando ouvi o semba *Doença do Bolso* (2017) de Kyaku Kyadaff ... “Amizade se separa por causa da roupa Cabelo Brasileiro desfilando na marginal”.

Após 21 dias em Luanda, além dos desafios de uma ser mulher em pesquisa de campo, saí de lá com cinquenta e seis números de telefone, uma foto na coluna social na revista *Lux Angola*, com hipóteses refutadas e outras elaboradas. A experiência na prática, revelou a dinâmica cultural e comercial entre os dois países, e a necessidade de retornar para aprofundar a investigação de espaços e sentidos que categorizam a tríade material – figurino televisivo, vestuário-estilo e moda popular, configurada pelo fluxo transatlântico, e entender como os mesmos são classificados, tramados e justificados no cotidiano luandense.

É importante também notar que, aprende-se sobre uma sociedade na vivência. É preciso descolonizar a moda enquanto prática e aproximá-la da perspectiva crítica e política para que se amplie o diálogo dos bens da cultura material em circulação no capitalismo, cujo empreendimento tem arregimentado a indústria de mídia e de moda brasileira no contexto da elite artística luandense. O exercício de entender as dinâmicas da moda popular e sua transação é abrir para colorir novos temas, espaços, tracejos e perspectivas. Além de desconstruir o pano umedecido de sátira, que pesquisadores de outras áreas jocosamente revestem opiniões em estudos que envolvem a circulação da materialidade no contexto contemporâneo neoliberal sul-sul. Pois assim, poderemos nos distanciar do comentário do professor Carlos Serrano na revista do *sescsp* online, publicado em 2005, quando disse que "os angolanos, sobretudo os de nível social mais baixo, nutrem quase que uma idolatria pelo Brasil". E poderemos investigar moda, a problematizando por sua interseccionalidade, pois na história da moda brasileira e lusófona ainda faltam relatos e estudos sobre a moda negra e suas trocas.

## Bibliografia

ANGOLA 24 HORAS. A proibição do uso de cabelo brasileiro é uma forma de combater o abandono escolar por meninas? <<https://angola24horas.com/index.php/opiniaio/item/11280-a-proibicao-do-uso-de-cabelo-brasileiro-e-uma-forma-de-combater-o-abandono-escolar-por-meninas>> Acesso em: 21 de março de 2019.

BORGES, JULIANA. Sacoleiras do outro lado do Atlântico. Disponível em: <[https://www.sescsp.org.br/online/artigo/3878\\_SACOLEIRAS+DO+OUTRO+LADO+DO+ATLANTICO](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/3878_SACOLEIRAS+DO+OUTRO+LADO+DO+ATLANTICO)> Acesso em: 20 de março de 2019.

REDE ANGOLA. Escolas em Viana proíbem o uso de cabelo postiço e brasileiro. <<http://www.redeangola.info/escolas-em-viana-proibem-o-uso-de-cabelo-postico-e-brasileiro/>> Acesso em: 21 de março de 2019.

TELEVISÃO PÚBLICA DE ANGOLA. Escolas de Viana Proíbem uso de Postiço e Cabelo Brasileiro. <<https://www.facebook.com/watch/?v=479432782215959>>. Acesso em: 21 de março de 2019.

GOMES, PAULO. As Muambeiras nos Subterrâneos das Cadeias Globais de mercadorias: O caso das sacoleiras africanas no circuito comercial entre São Paulo (Brás) e Angola. Cadernos CERU, São Paulo, v. 24, série 2, n.2, 195-213, dezembro, 2013.

KYADAFF, KYAKU. **Doença Do Bolso: Igual Ao Prazer** [2017]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2eRKIf75PBQ>> Acesso em: 21 de março de 2019.

Look Casamento de Lisete Pote e Hélder Inácio. 24 de agosto 2018. 2018. IN: LUX MAGAZINE, n. 232, semanal, 24 de ago.2018

MARCUS, E. GEORGE. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-sited Ethnography. Annual Review of Anthropology, v.24, 95-117, october, 1995.

NYE, JOSEPH. Soft-Power. Foreign Policy. Washingtonpost.Newsweek Interactive, LLC. v. 20, série 80, 153-171, outono, 1990.

PONTE, HELOISA. A Paixão pelas Formas. Gilda de Mello e Souza. São Paulo. Novos Estudos, n.74, 87-105, março, 2006.

\*\*\*

**Michelle Medrado:** antropóloga e doutoranda em Literatura Luso-Brasileira e Estudos Culturais na Universidade da Califórnia, Los Angeles. Medrado é formada pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, especialista pela Faculdade Santa Marcelina em Moda e Criação. Possui certificados em Direito da Moda pela Fordham University (NY) e em Teoria Crítica pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, EHESS (Paris). Seus interesses de pesquisa estão relacionados a produção e circulação da cultura material, figurino televisivo das telenovelas brasileiras, vestuário-estilo e indústria da mídia e da moda em Angola,

### Como citar este artigo:

Medrado, Michelle; A tríade material figurino televisivo, vestuário-estilo e moda como objeto de estudo em Luanda. In REVISTA TRANSVERSOS. "Dossiê: REFLEXÕES SOBRE E DE ANGOLA - INSCREVENDO SABERES E PENSAMENTOS". Nº 15, Abril, 2019, pp. 453 - 458 Disponível em <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/transversos/index>>. ISSN 2179-7528. DOI:10.12957/transversos.2019.41876.